

INSTITUTO CIENTÍFICO E CULTURAL LAMAR LAMOUNIER

“UM OÁSIS CULTURAL EM GOIÂNIA”

Nasr Chaul



Goiânia-GO – Setor Jaó – Rua J31 Qd 57 Lt 11 E, Fone (062)3204-4645E-mail:
institulamarlamounier@gmail.com.br

ESCRITORES E ARTISTAS GOIÂNOS -02- MEIO SÉCULO DE ARTE, ADMIRAÇÃO E AMIZADE, por Lauro Moreira (DIPLOMATA)

Olá, filhos, irmãos, amigos e toda a humanidade boa noite!

Continuando caminhando seguindo e cantando a canção... HOJE, ESCRITORES E ARTISTAS GOIÂNOS -02- MEIO SÉCULO DE ARTE, ADMIRAÇÃO E AMIZADE, por Lauro Moreira (DIPLOMATA); no maravilhoso artigo o Embaixador Lauro Moreira me proporcionou a lembrança de que “EU ERA FELIZ E NÃO SABIA”: desde a década de 60 desfrutei o convívio e a amizade com todos, aprendi muito com eles e, até hoje, estou aprendendo a voar com as lindas asas que a grande amiga e mestre MARIA GUILHERMINA esculpiu para eu interpretar o ANJO no Teatro Inacabado.

Almary Menezes, admirado artista plástico goiano, carinhosamente presenteou este projeto pintando uma aquarela para cada canção. O artista é, também, criador das aquarelas Flores de Goyá.
<http://www.floresdegoya.com.br/o-artista-plastico/>

Flores de Goiá <http://www.floresdegoya.com.br/home/>

Canções Aquareladas <http://www.floresdegoya.com.br/cancoes-aquareladas/flores-de-goya-i/>

EU TENHO UMA MEMÓRIA QUE CANTA A HISTÓRIA DAS MAIS LINDAS CANÇÕES!

Ctrl+clique para seguir o link: [The Album Classical mais relaxante do mundo ... nunca!](#)

SORRIA... SORRIA... SORRIA...

MARAVILHA!

Grande, forte e carinhoso abraço,

Lamar Lamounier

Livros enriquecem e formam o homem!

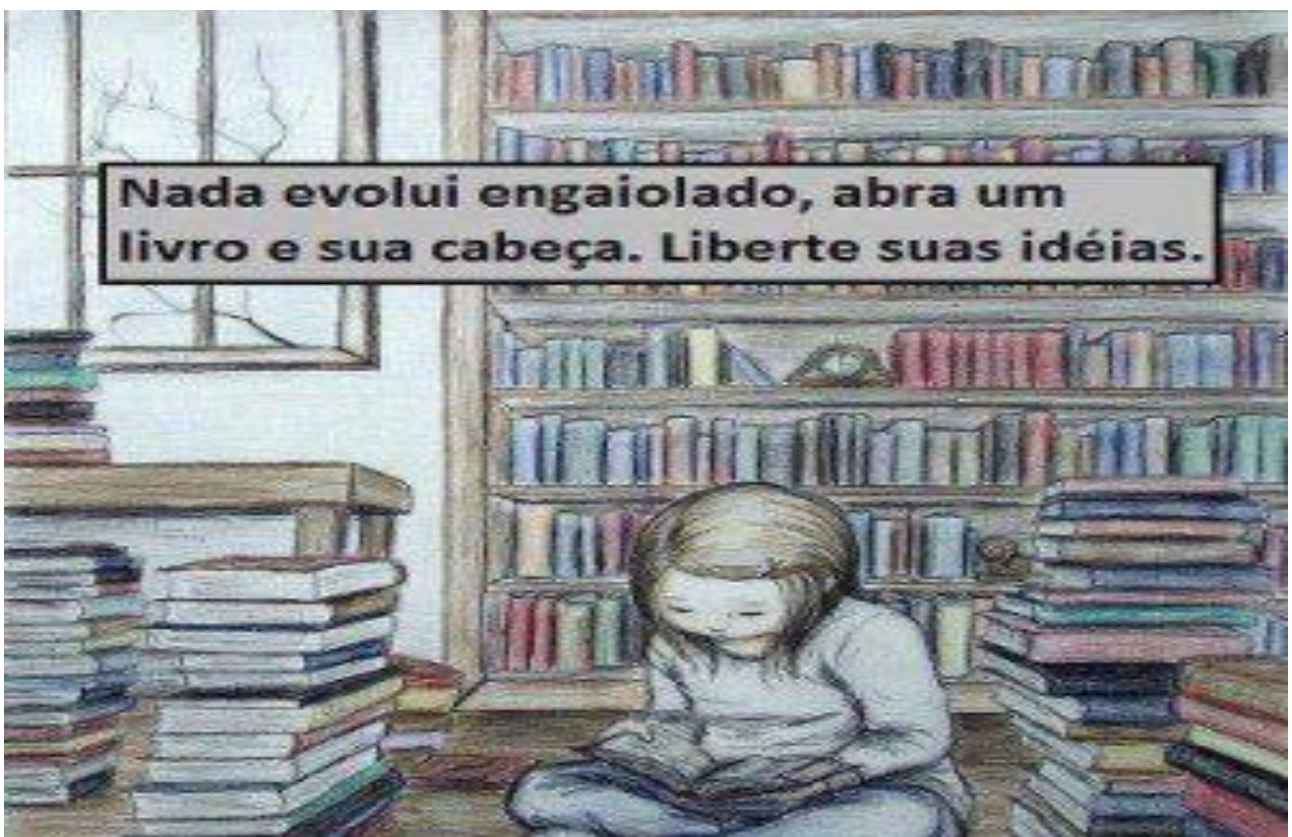


DOE LIVROS PARA A BIBLIOTECA DE TEATRO CARMELINDA GUIMARÃES
Os livros devem ser encaminhados para Gilson Borges - av Tocantins 850 ap 901 CEP
74043-050

SAIR DA CAVERNA É UMA AÇÃO FILOSÓFICA, POLÍTICA E PEDAGÓGICA. ENTÃO, AFINAL, O QUE VOCÊ ESTÁ ESPERANDO?



Imagine - John Lennon <https://www.youtube.com/watch?v=bBW8g64Vzf8>
Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



"O CINEMA NÃO TEM FRONTEIRAS NEM LIMITES É UM FLUXO CONSTANTE DE SONHO." ORSON WELLES

O OLHO DA HISTÓRIA

Cinema é a arte que o olho vê e o coração sente, venha sentir também:



*"Todos sabem fazer história – mas só os grandes sabem escrevê-la."
(Oscar Wilde)*



O Olho da História

Apesar da obra de Kracauer ter tido grande impacto na sociologia do cinema, só é a partir dos anos 70 que o cinema passa a ser reconhecido como um novo objeto de análise histórica, por conta da obra do historiador francês Marc Ferro.

mag

Museu de Arte de Goiânia

<http://museugoiania.blogspot.com.br/>

APRESENTAÇÃO

Por iniciativa do artista plástico e professor da Universidade Católica de Goiás, Amaury Menezes, convidado para o cargo de diretor-fundador do MAG, foi constituído o acervo inicial do Museu, com peças integrantes da exposição comemorativa do Congresso Nacional de Intelectuais, que teve lugar aqui em nossa capital, de 14 a 21 de fevereiro de 1954, patrocinado pelo governo de Pedro Ludovico Teixeira. A mostra foi idealizada e organizada pelos professores e artistas plásticos Nazareno Confaloni e Henning Gustav Ritter e pelo diretor da Escola Goiana de Belas Artes Luiz Carmo Curado. Para a mostra, foram exibidas 720 peças de artistas de todas as regiões do país, em diversas categorias. Na exposição de inauguração do MAG foram exibidas 48 peças, doadas pelo Padre Cristóvão Alvares - Reitor da U. C. G. -, pelo colecionador Aloysio de Sá Peixoto e por vários artistas plásticos goianos. Dentre as obras que fizeram parte da exposição do Congresso estão: desenho de Ionaldo Cavalcanti, gravuras de Carlos Scliar, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti, Guido Viaro, Mário Gruber, Paulo Werneck e Renina Katz e pintura de Inimá de Paula. Atualmente, o acervo do Museu de Arte de Goiânia é composto por 754 obras nas linguagens de desenho, escultura, gravura, pintura, objetos de artistas de expressão da nacional e internacional popular, moderna contemporânea.

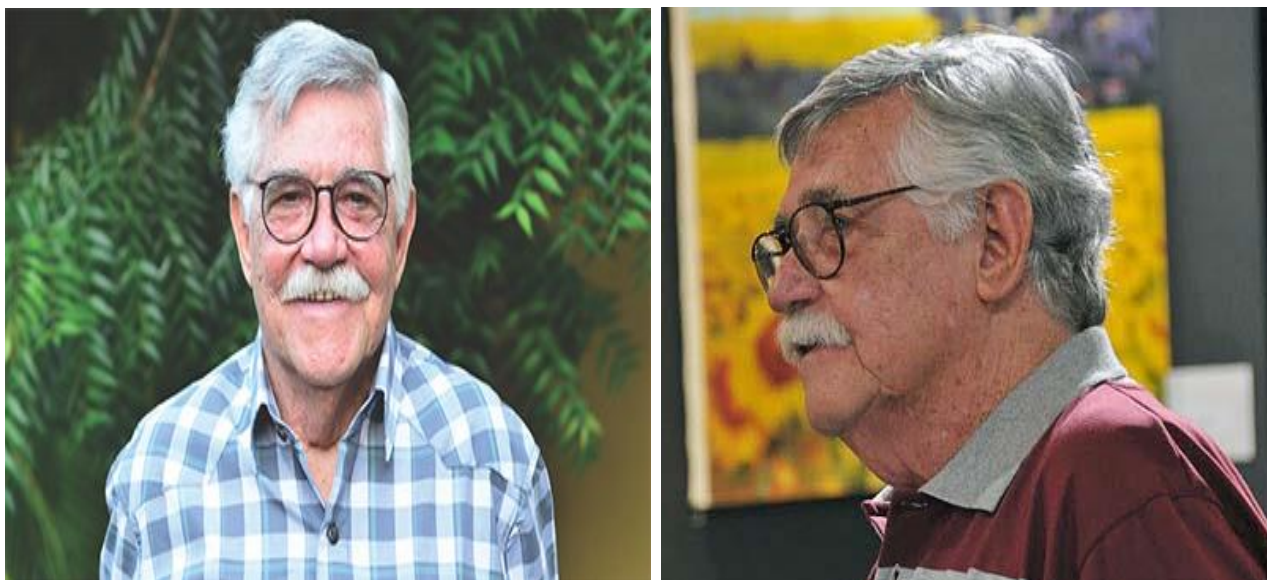
ensaio visual

Henning Gustav Ritter

texto:

http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009/ensaiovisual.pdf

Amaury Menezes : Artista plástico, autor do Dicionário das artes plásticas em Goiás (Goiânia: Agepel, 2002). Foi professor no curso de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás.



O admirado artista plástico goiano, carinhosamente presenteou este projeto pintando uma aquarela para cada canção. O artista é, também, criador das aquarelas Flores de Goyá. <http://www.floresdegoya.com.br/o-artista-plastico/>

Flores de Goiá <http://www.floresdegoya.com.br/home/>

Canções Aquareladas <http://www.floresdegoya.com.br/cancoes-aquareladas/flores-de-goya-i/>

fotografia:

Paulo Resende: Fotógrafo em Goiânia, já fotografou para várias publicações e instituições, entre elas a UFG e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, entre outros.

ensaio visual

Paulo Rezende: Os varais e a paisagem pintada pelo povo

Divino Sobral1 http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2009/ensaio_visual_6.pdf

Inda o dia vem longe
na casa de Deus Nosso Senhor,
o primeiro varal de roupa
festeja o sol que vai subindo,
vestindo o quaradouro
de cores multicores.

Cora Coralina



O fotógrafo publicitário Paulo Rezende abre seu incrível portfólio pessoal de fotos feitas nas suas andanças no interior do país. <http://www.anualdesign.com.br/blog/3575/novas-visoes/>



texto:

É difícil dissociar a imagem de Henning Gustav Ritter das figuras de Nazareno Confaloni e DJ Oliveira. Esse tripé, com origem em três correntes distintas, Bauhaus, Florença e Grupo Santa Helena, encontrou, numa cidade jovem, terreno e clima receptivos para implantação de um movimento de arte contemporânea. Era de se imaginar que, num Estado com a economia baseada na agricultura e pecuária, durante séculos afastado dos movimentos culturais que ocorriam no País, as dificuldades seriam muito grandes. Mas com a existência de várias instituições criadas para reunir artistas, como Academia Goiana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Associação Brasileira de Escritores e Sociedade Pró-Arte de Goiás, já ocorriam ações que buscavam corrigir o atraso causado por esse isolamento e provocar maior intercâmbio com outros centros. Essa efervescência cultural teve seus reflexos, de início, principalmente na literatura e nas artes plásticas. No Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia no ano de 1954, coube à recém-criada Escola Goiana de Belas Artes (leia-se: Luiz Curado, Confaloni e Ritter) a incumbência de organizar as atividades na área de artes visuais. Foram realizadas mostras de trabalho da arte indígena, exposição das desconhecidas obras do escultor Veiga Valle e uma exposição coletiva de artes plásticas, com participação dos mais importantes artistas em atividade na época. Foi seguramente a mais importante mostra de arte já realizada no Estado de Goiás com um total de 720 peças de escultura, pintura, gravura e desenho.



Gustav Ritter em sua casa em Goiânia, em 1979. 1 Formação 2 Gustav Ritter em Goiás
3 Abstração 4 [Contribuições de Gustav Ritter para a arte em Goiás](#) 5 Bibliografia

Henning Gustav Ritter (1904-1979) foi um arquiteto e artista plástico alemão naturalizado brasileiro. Ritter mudou-se para o Brasil em 1936. Naturalizou-se brasileiro em 1947, em Belo Horizonte, e a partir de 1949 radicou-se definitivamente em Goiânia, onde teria grande influência no cenário artístico local.

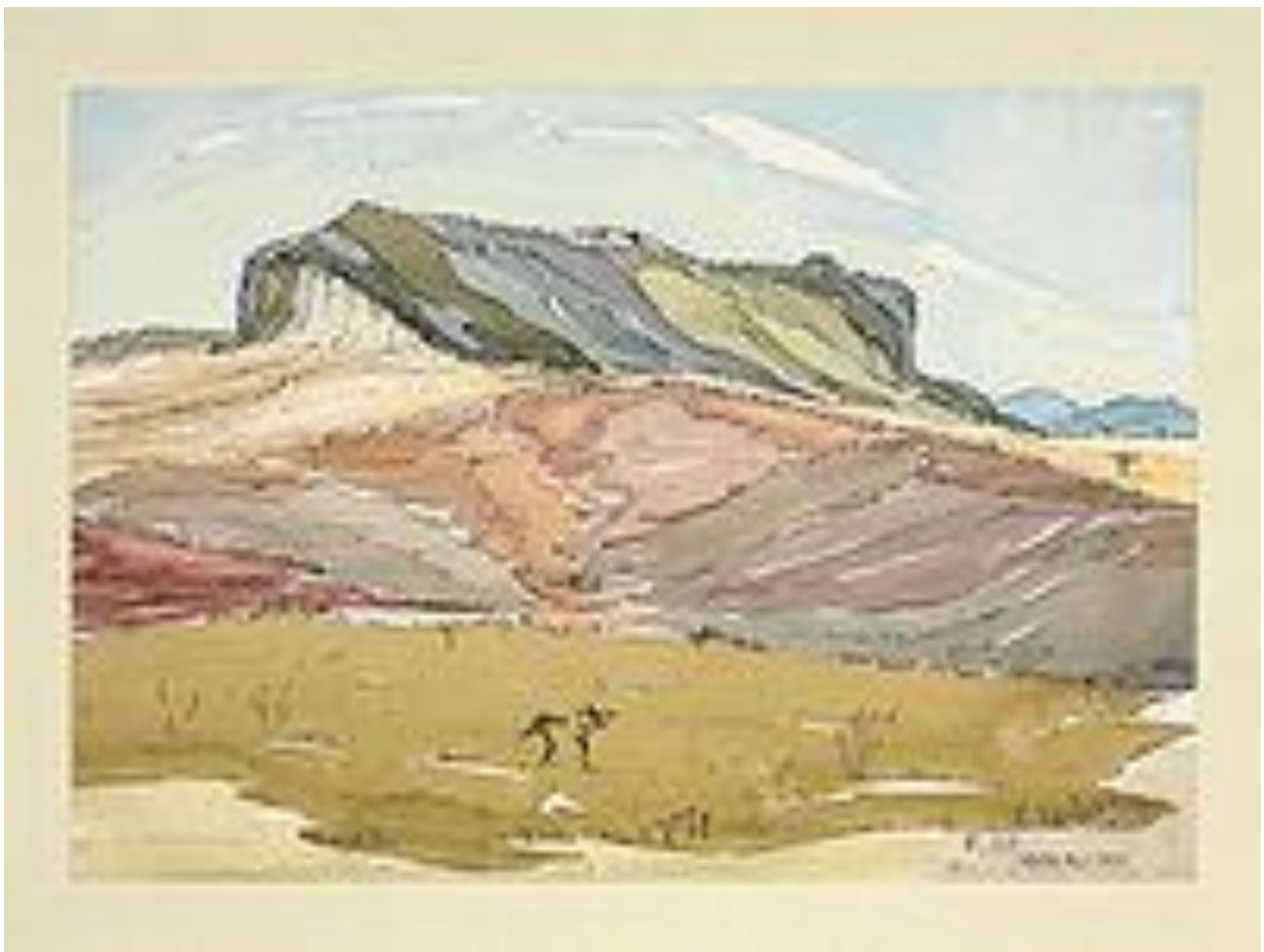


Escultura em pau-brasil

Acervo do Museu de Arte Contemporânea, Goiânia



Tronco entre sarrafos. Pau-brasil



Chapada dos Veadeiros. Aquarela



Biografia <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23212/nazareno-frei-confaloni>

Giuseppe Confaloni (Viterbo Itália 1917 – Goiânia GO 1977). Pintor, muralista, desenhista e professor. Estuda com Felice Carena Baccio, Maria Bacci e Primo Conti, quando entra para o apostolado, ordenando-se frei dominicano em Florença (Itália). Em 1950, a convite do bispo Cândido Penzo, vai à cidade de Vila Boa (atual Goiás) para pintar 15 afrescos na Igreja do Rosário, denominados Mistérios de Rosário. Permanece na cidade como pároco e introduz a técnica do afresco. Muda-se para Goiânia em 1952, onde paralelamente à atividade religiosa, dedica-se à pintura de temática religiosa utilizando-se da figura humana. Nomeado primeiro vigário da paróquia de São Judas Tadeu, na Vila Coimbra, em Goiânia, projeta e trabalha na construção da igreja São Judas Tadeu, que dirige entre 1959 e 1965. Para cada fiel que contribui com donativos, doa um de seus quadros. É o idealizador, juntamente com Luiz Curado, da Escola Goiana de Belas Artes, EGBA, em Goiânia, onde leciona pintura e desenho. Professor fundador da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás (UCG), leciona desenho e plástica. Ajuda a construir o convento e o santuário de São Judas Tadeu. Conhece Siron Franco, e passa a emprestar-lhe um estúdio para pintar, além de todo o material necessário. Pinta madonas, com o artista, no atelier do convento São Judas de Goiânia, em 1977, ano em que falece inesperadamente de enfisema pulmonar. Diversos artistas reivindicam a construção de um museu com suas obras. No 10º aniversário de sua morte, há várias homenagens, como uma exposição retrospectiva na Galeria Frei Nazareno Confaloni e mesa redonda com artistas e críticos de arte, na UCG. Em 1991 ocorre a Semana Frei Nazareno Confaloni, onde é assinado o decreto para a construção do Museu Frei Nazareno Confaloni. Nesse ano começa o processo de restauração dos painéis Bandeirantes: Antigos e Modernos, realizados em 1953 e que retratam a construção das estradas de ferro em Goiás. É lançado o livro *Conhecer Confaloni* de PX Silveira no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Há também a exibição do vídeo de Antonio Segatti e PX Silveira, *O Bandeirante da Arte Moderna*. É considerado um dos pioneiros da arte moderna em Goiás.

Confaloni. Descida da cruz, 1969



Autor: Frei Nazareno Confaloni

Dados Biográficos: 1917, Viverbo, França - 1977, Goiânia, Brasil

Título: Descida da cruz

Data da obra: 1969

Técnica: Óleo sobre tela

Dimensões: 73 x 92,5 cm

António Poteiro - um artista português que despontou no Brasil

António Batista de Sousa, mais conhecido como António Poteiro, (Aldeia de Santa Cristina da Pousa, Braga, Portugal, 10 de outubro de 1925 – Goiânia, Goiás, Brasil, 8 de junho de 2010) foi um escultor, pintor e ceramista nascido em Portugal e radicado no Brasil. Era considerado um dos mestres da pintura primitiva no Brasil.

Iniciou-se na vida artística como artesão, produzindo cerâmicas para uso doméstico, máscaras e bonecos, de onde adveio o “Poteiro” de seu nome artístico. Mudou-se para Goiânia, onde permaneceu até a sua morte.



Incentivado por Siron Franco e Cléber Gouvea, começou a pintar em 1972. Em 1976, participou do documentário *Artistas de Goiás*, produzido pela Goiastur. Em 1978 leccionou cerâmica no Centro de

Atividades do Sesc, no Rio de Janeiro. Dois anos depois, leccionou cerâmica nas Feiras Internacionais de Hannover e Düsseldorf.

Em 1983 foi produzido o documentário *Antônio Poteiro: o Profeta do barro e das cores*, dirigido por Antônio Eustáquio. Em 1985 recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA 1984) na categoria Escultura.

Em 1987 recebeu a Comenda de Oficial da Ordem do Mérito, concedida por Portugal. Um novo documentário sobre o artista foi produzido por Ronaldo Duque em (1991).

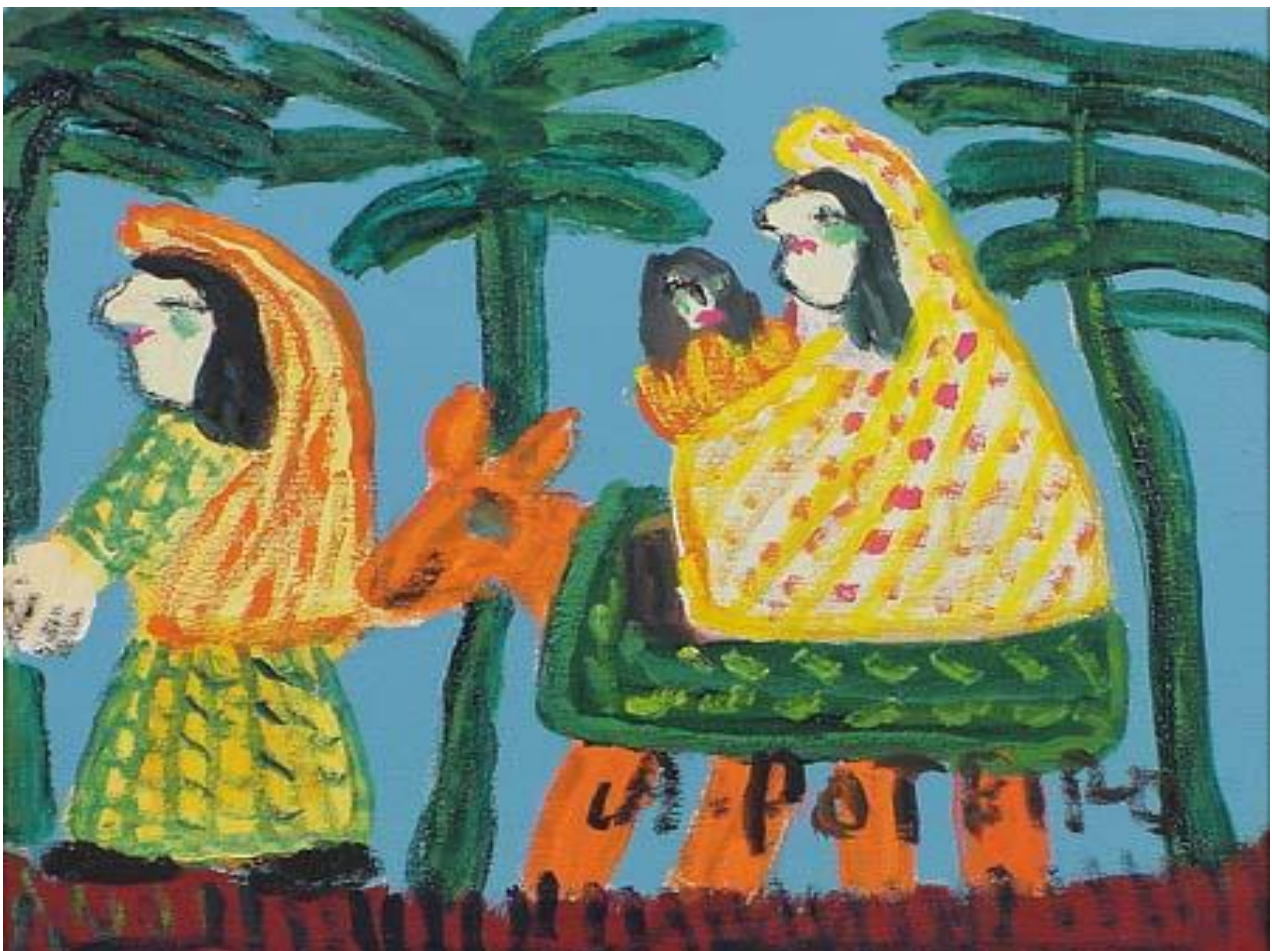
Em 1999 recebeu a Medalha Henning Gustav Ritter, do Conselho Estadual de Cultura de Goiás.

Site pessoal do artista: <http://www.antoniopoteiro.com/>

PUBLICADA POR SEAREIRO EM [DOMINGO, NOVEMBRO 28, 2010](#)  

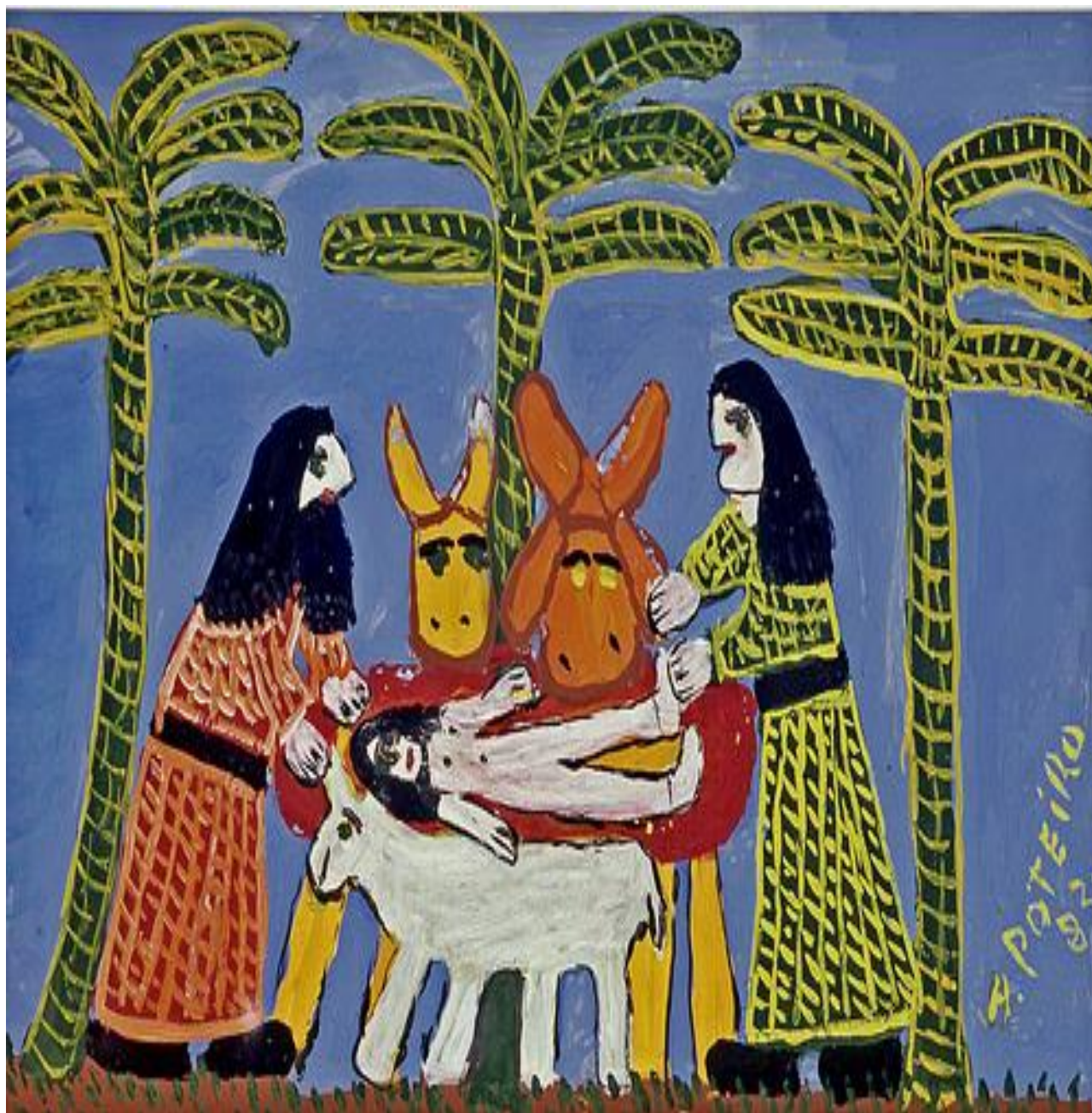
[ENVIAR POR E-MAIL](#)[BLOGTHIS!](#)[COMPARTILHAR NO TWITTER](#)[COMPARTILHAR NO FACEBOOK](#)[COMPARTILHAR COM O PINTEREST](#)

ETIQUETAS: [ARTES PLÁSTICAS - PINTURA](#)



Fuga para o Egito, de António Poteiro

Antônio Poteiro. Presépio, 1983



Autor: Antônio Batista de Souza

Dados Biográficos: Minho, Portugal, 1925 - Goiânia, 2010

Título: Presépio

Data da obra: 1983 –

Técnica: guache sobre papel –

Dimensões: 31,5 x 45,5 cm

Telas de Antônio Poteiro no Beco



Três telas do artista Antônio Poteiro podem ser vistas na galeria Beco das Artes: Ciranda, Flores e Luta, todas medindo 45 x 50.



[D. J. Oliveira: gravuras](#)





ainda as gravuras de D. J. Oliveira

Considerado um dos maiores gravuristas da história da arte em Goiás, o artista plástico D. J. Oliveira desenvolveu trabalhos em praticamente todas as modalidades de gravuras, como a xilogravura, gravura em metal, litogravura e serigrafia. Aqui apresentamos mais dois trabalhos desse artista: duas gravuras em metal, com temas que lhe eram bem peculiares.

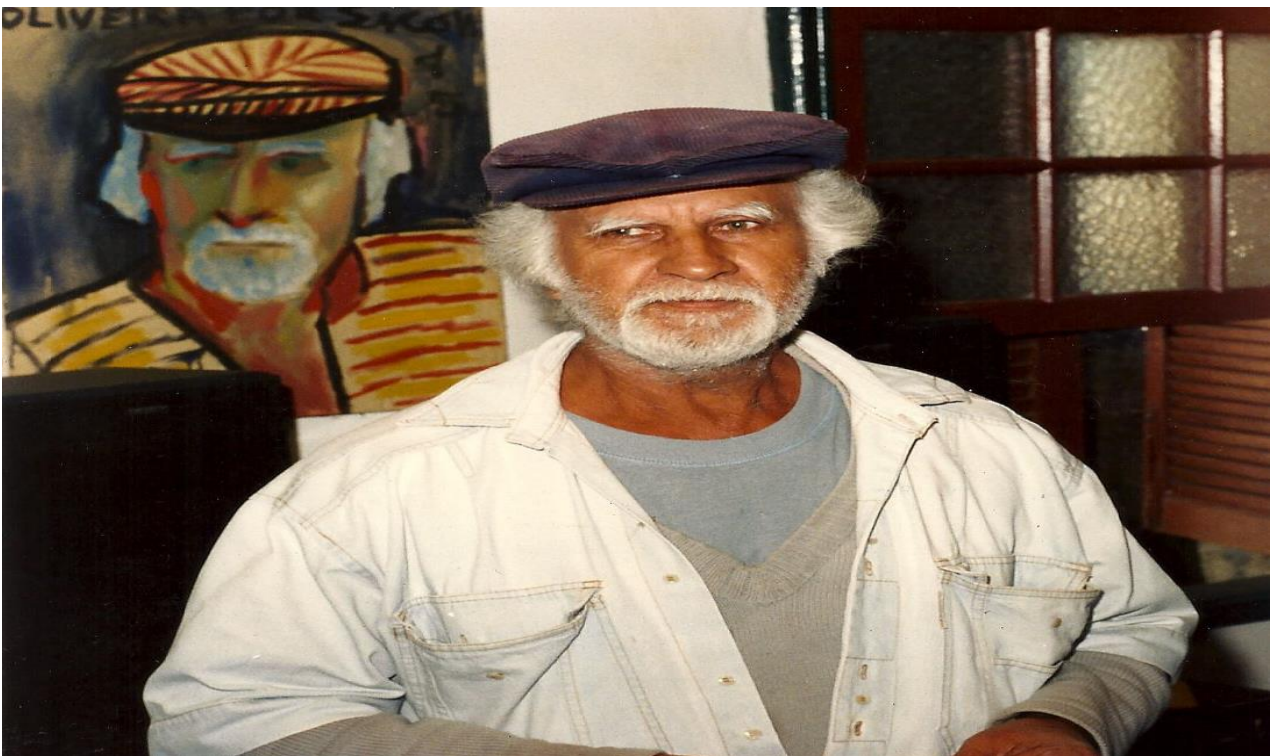


D. Quixote caído - gravura em metal - 24/60



Carro de bois - gravura em metal - P. A.

Várias gravuras (metal e serigrafias) do artista plástico D. J. Oliveira, podem ser vistas na galeria Beco das Artes. Oliveira é considerado um dos precursores da arte moderna em Goiás e essas gravuras mostram bem isso.



[← CINEMA](#)

[SE CALHAR →](#)

20 DE JUNHO DE 2012 - 16:31

[↓ Pular para Comentários](#)

[ARTES PLÁSTICAS : DJ OLIVEIRA](#)



O Ananguera

No início de agosto próximo, espera-se, será inaugurada no Centro Cultural Oscar Niemeyer, em Goiânia, uma grande exposição de obras de DJ Oliveira, figura seminal das artes plásticas em Goiás e em toda a região centro-oeste. Na oportunidade, será distribuído um livreto contendo um texto meu sobre o artista e amigo, ilustrado com imagens de um belo mural de grandes dimensões (quase vinte metros quadrados) que ele realizara para minha casa em Brasília, e que agora faz parte do acervo cultural do povo goiano. A história toda está narrada a partir dessa “Nota Explicativa” a seguir.

NOTA EXPLICATIVA

Em 2005 escrevi o depoimento abaixo sobre o artista plástico DJ Oliveira, pintor, gravador, cenógrafo, figurinista e professor, nascido em Bragança Paulista em 1932 e que veio a falecer subitamente naquele mesmo ano de 2005. Fizera quase toda sua carreira artística em Goiás e se considerava goiano de coração. Foi meu amigo dileto de longos anos, a quem eu pretendia homenagear com aquele texto, escrito antes de seu desaparecimento, para constar de um livro que se preparava sobre sua obra. O livro continua infelizmente inconcluso – uma dívida pendente de Goiás para com seu artista maior – mas minha homenagem pessoal vem agora a público com este livreto contendo o mencionado depoimento, acrescido da doação, que tive o prazer de efetuar ao povo goiano, de seu magnífico mural “O Anhanguera”, especialmente concebido e realizado em 1997 para minha residência em Brasília, e que passa doravante a enriquecer o acervo do Centro Cultural Oscar Niemeyer.

MEIO SÉCULO DE ARTE, ADMIRAÇÃO E AMIZADE

Lauro Moreira



CLARICE LISPECTOR, por DJ OLIVEIRA



DJ pintando o retrato de MARLY DE OLIVEIRA (Rio, 1966)

Ai de ti, Copacabana e o Auto da Compadecida

Dirso José de Oliveira – para mim apenas Oliveira – celebra neste ano de 2005 seus 50 anos de pintura. E eu celebro com ele nossos 47 anos de amizade ininterrupta e de uma comovida admiração de minha parte, que o tempo só fez crescer e aprofundar.

Goiano de nascimento e raízes – como Oliveira o é por adoção e vivência – saí cedo de minha terra, aos dez anos, para seguir os estudos em um colégio interno em São Paulo. Após cinco anos, mudei-me para o Rio de Janeiro, juntando-me outra vez à família, que se estava transferindo de Goiânia para lá. Na então Capital Federal, comecei a viver os anos mais movimentados e felizes de minha vida, participando intensamente da efervescência cultural da época. E que época! De JK, da construção de Brasília; do Cinema Novo; do nascimento e apogeu da Bossa Nova; dos inesquecíveis autores, atores e grupos teatrais (Nelson Rodrigues, Ariano Suassuna, Tonia-Celli-Autran, Cacilda Becker, Maria Della Costa, Teatro dos Sete, Tablado, TBC); da eclosão literária de Clarice Lispector

e Guimarães Rosa; da presença de Drummond, Bandeira, Jorge de Lima, Cecília Meireles. Mas também do tênis consagrador de Maria Esther Bueno, da canhota demolidora de Eder Joffre e do futebol vitorioso de Pelé, Garrincha, Didi e Nilton Santos. E ainda da intensa vida política, oxigenada pelos ares democráticos que o país respirava a plenos pulmões...

De tudo isso e muito mais pude usufruir naquele período entre 1955 e 1964, quando o Brasil era realmente feliz e não sabia...

Pessoalmente, além das atividades escolares, vivia envolvido em cursos de cinema e de teatro, em conferência de todo gênero, montagens de peças nos vários palcos amadores da cidade, dirigindo uma afanosa Associação Cultural da Juventude (ACJ), exercitando-me no jornalismo estudantil e, naturalmente, frequentando com fervorosa assiduidade as salas de cinema e de teatro e as arquibancadas dominicais do Maracanã, para ver meu Flamengo jogar...

Pois foi exatamente nessa época que vim a conhecer o nosso Oliveira. Indo a Goiânia nas férias escolares de 1959, com a intenção de apresentar um espetáculo de interpretação de textos a que dera o nome de Ai de ti, Copacabana - uma reunião de poemas e crônicas de autores brasileiros – apresento-me uma tarde para ensaio no hoje extinto Teatro de Emergência, na Rua 3, ao lado da sede do Jockey Clube, e encontro o grupo teatral do saudoso João Bênio acabando de ensaiar O Auto da Compadecida, o recente e irresistível texto de Ariano Suassuna que já encantava as platéias de norte

a sul do país. Apresentado pelo próprio Bênio, venho a conhecer o cenógrafo da companhia, ou seja, um pintor do interior de São Paulo, chegado a Goiânia poucos anos antes e que se chamava Dirso José de Oliveira.

Era uma figura forte e marcante, lembro-me bem. E mais marcante ainda me pareceu sua pintura, dependurada em alguns quadros nas paredes do próprio camarim transformado em ateliê. Contemplei com crescente admiração as obras expostas e adquiri duas delas (uma, por sinal, acabou sendo das raríssimas obras abstratas do pintor, uma colagem tachista, numa explosão de cores a que dei logo o título nada original de “Hiroshima”). Mas confesso que, ao lado da boa surpresa de encontrar ali um pintor daquele quilate, fiquei um pouco preocupado, sem entender que tipo de público daquela Goiânia de então poderia apreciar e adquirir aquela *pintura*

moderna, meio rebartiva e seguramente pouco compreensível para os conservadores padrões estéticos locais. Apresso-me a acrescentar, no entanto, que minha preocupação logo se volatizou pela crescente penetração dessa obra renovadora junto não apenas a uma camada mais sofisticada de intelectuais e artistas, mas também junto ao público goianiense em geral, junto às famílias de classe média, em cujas casas se multiplicavam a olhos vistos quadros e gravuras de D.J. Oliveira, aos quais se acrescentavam obras de outros artistas locais, quase todos formados pelo mestre. E o pintor paulista acabou sendo adotado pelo público goiano como seu artista favorito. Acontecia aqui o que se passara com a obra de Eça de Queirós,

na visão crítica de Machado de Assis: “Tal que começou pela estranheza, acabou pela admiração.”...

Aquele primeiro encontro no Teatro de Emergência foi o marco inicial de uma longa trajetória comum, de uma amizade para mim inestimável, repleta de momentos memoráveis. Passei a acompanhar, ainda que à distância, a evolução do pintor, o aprofundamento de suas pesquisas e a ampliação de seu domínio técnico e de seu horizonte artístico. Cada vez que voltava a Goiânia, passava horas com o pintor em seu atelier na Escola de Belas Artes, fundada pelo Frei Confaloni e o Professor Gustav Ritter – dois outros pioneiros das artes plásticas em Goiás – e onde Oliveira começara a lecionar informalmente, transmitindo sua experiência a um grupo de jovens iniciantes, entre eles Siron Franco, Ana Maria Pacheco, Iza Costa e inúmeros outros... Era a semente que estava sendo plantada e que em pouco tempo se ergueria em árvore frondosa e se multiplicaria em novos frutos e novas sementes, dando origem e alimentando um dos mais férteis movimentos artísticos do Centro-Oeste brasileiro.

O pintor em Botafogo

Por essa época eu continuava vivendo no Rio, e me havia casado, em 1964, com uma jovem e brilhante poeta – Marly de Oliveira – com quem tive o privilégio de passar a frequentar um invejável círculo de escritores e intelectuais, com nomes como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Antonio Houaiss, Aurélio Buarque de Holanda, Cecília Meirelles, Augusto Meyer, Waldir Ayala, Tasso da Silveira, Thiers Martins Moreira. Pouco

mais tarde, concluído o curso de Direito e ingressando na Carreira Diplomática, meu privilégio se ampliou ao conviver com figuras como João Cabral de Melo Neto, e sobretudo, com Guimarães Rosa, com quem privei até sua morte, em fins de 1967.

Em 1966, D.J. Oliveira decidiu passar uma temporada no Rio, hospedado em casa de um amigo em Copacabana. Todas as manhãs, antes de seguir para o trabalho no Itamaraty, eu passava de carro para buscá-lo e o deixava em algum sítio da cidade, armado de telas, tintas e pincéis. Ao final do dia, levava-o de volta à casa, com telas cobertas de tinta fresca a manchar irremediavelmente o banco traseiro de meu Fusquinha... E ao cabo de um mês, organizei em meu apartamento na Praia de Botafogo um vernissage de mais de vinte desses trabalhos. Em duas noites dedicadas aos amigos, ao corpo diplomático brasileiro e estrangeiro, a escritores, poetas, artistas, gente de teatro e cinema, críticos de artes plásticas e jornalistas, a obra de D.J. Oliveira foi devidamente apresentada a um novo e numeroso público de grande significação cultural no país.

Os jornais do Rio deram ampla cobertura ao evento. Uma página inteira do “Jornal do Comércio”, assinada por Rosa Cass, tecia comentários minuciosos e encomiásticos à obra do pintor, gravador, desenhista e muralista, estampando várias fotos de seu grande mural múltiplo da Universidade Federal de Goiás. Enquanto isso, Oliveira pintava em minha casa o retrato de Marly de Oliveira e de Clarice Lispector – que já havia sido retratada por ninguém menos que De Chirico. E foi também nessa oportunidade que o

Governo da Tchecoslovaquia, através de seu Conselheiro Cultural no Rio, presente à exposição, decidiu encomendar ao pintor um painel para integrar o acervo do Museu da Guerra, da cidade de Lídice, para sempre traumatizada pela indescritível brutalidade nazista durante a ocupação do país. Oliveira realizou a obra pouco depois, já em Goiânia, e a enviou ao seu destinatário final, onde até hoje se encontra, ao lado de obras de Picasso e de dezenas de outros artistas de nosso tempo. E não deixa de ser curioso observar que deste painel não tenha restado no Brasil sequer um registro fotográfico. Enfim, para quem conhece a simplicidade e a modéstia do personagem, sua total aversão à notoriedade, o descuido não chega a surpreender demais.

Para concluir este capítulo do pintor em Botafogo, uma curiosidade: acompanhando DJ naquela viagem ao Rio estava um jovem de 18 anos, discípulo que ajudava o Mestre na preparação das telas, e que já realizava seus primeiros esboços; era inteligente, de grande vivacidade e alegria, de talento notório. Seu nome dispensa hoje maiores apresentações: Siron Franco. Aliás – e é com orgulho que menciono pela primeira vez essa passagem – trinta e cinco anos mais tarde, em 2000, o próprio Siron, ao convidar-me gentilmente para posar para um retrato, evocava ainda as marcas indeléveis em sua memória e em sua alma, provocadas pela visão do quadro de De Chirico em casa de Clarice e pelo contato pessoal com figuras tão maravilhosas como Manuel Bandeira, Walmir Ayala, Antonio Houaiss ou a própria Clarice Lispector.

Viagem ao exterior

Em 1968 D.J. Oliveira viaja para a Europa, com o apoio da Universidade Católica de Goiás, enquanto eu sigo para Buenos Aires, meu primeiro Posto diplomático. Depois de quatro anos, fui removido para Genebra, de onde só retornei ao Brasil em 1974. Passamos anos sem nos ver.

Em 1973, de férias no Brasil, pude apreciar uma nova fase na pintura de Oliveira, agora menos agressiva em seus traços expressionistas, valendo-se mais do pincel que da espátula, atenuando a violência das cores. Ao ver uma exposição do artista naquele ano em Goiânia, o escritor Bernardo Elis publicou interessante artigo onde alegava que os dois anos de Europa haviam “domesticado” um pouco a sua pintura. De fato, um artista com a sensibilidade, abertura de espírito e curiosidade intelectual como DJ não poderia passar incólume pelos museus e galerias da Espanha, Itália, França, Alemanha e Holanda, entre outros.

Em contato com a paisagem espanhola, reavivou-se-lhe a antiga e jamais abandonada paixão pelo Quixote. Aliás, “El Caballero de la Triste Figura” e seu leal escudeiro Sancho Pança constituem um verdadeiro leitmotiv na obra do pintor, ao lado de outras figuras afins, em sua imensa solidão e em seus impulsos utópicos, como São Francisco de Assis e o nosso Antonio Conselheiro.

Os anos 70 e 80

Com meu retorno ao Brasil, retomei os contatos com Oliveira e suas paisagens agora serenas, suas mulheres “modiglianescas”, seus vasos de flores, seus casarios coloniais, seus eternos arlequins e

saltimbancos, seus murais admiráveis em Goiânia, Brasília e Luziânia, seus vendedores de pipoca, suas tristes estações ferroviárias com seus trilhos solitários e, naturalmente, seus reiterados e renovados Quixotes.

Em 1974 fui procurado em Brasília pelo Frei Confaloni e a pintora Vanda Pinheiro, que pediam minha intercessão junto à área cultural do Itamaraty para viabilizar o transporte de umas poucas telas e gravuras de artistas goianos, que o Frei desejava mostrar na Itália. Meu amigo e colega – e artista plástico da melhor qualidade – Romeo Zero, que dirigia a Divisão de Difusão Cultural, encarregou-se da missão e foi bem mais longe: organizou uma exposição de seis artistas goianos em Roma, Milão e Paris. Eram tres pintores (DJ, Siron e Confaloni) e três gravadores (Vanda Pinheiro, Naura Timm e, se não me engano, Cléa Costa).

Do mesmo modo, e naqueles idos de 70, creio que em 1976, o Governo Irapuan Costa Jr., reconhecido incentivador das artes, enviou uma coletiva de pintores goianos à França, da qual constava naturalmente o nosso DJ, ao lado de Poteiro, Cléber, Siron e muitos mais.

Os anos 70 e 80 foram, aliás, de intensa atividade para Oliveira, com inúmeras exposições individuais e retrospectivas de obras, apresentadas sobretudo em Goiânia e Brasília. Recordo-me especialmente de uma grande exposição nos salões do Hotel Nacional de Brasília, organizada por Natanry Osório – outra admiradora e incentivadora do pintor, ao lado de seu marido, o advogado e escritor Antonio Carlos Osório –

na qual se notava uma nova e surpreendente temática na obra de DJ: uma acerba crítica social traduzida em figuras grotescas de cardeais pomposos, políticos a se enforcarem em suas próprias gravatas, e conspiradores soturnos a trocar misteriosas confidências. Surpreendeu-me bastante essa nova faceta do artista, cuja obra havia sido marcada sempre por um profundo lirismo, uma atmosfera de solidão e nostalgia, uma recorrência a temas e jogos da infância. Independente de seu valor artístico, a verdade é que essa fase, que a meu ver não refletia a essência mais profunda da alma poética do pintor, não tardou muito a se esvanecer na continuação de sua trajetória. E pouco tempo depois, já o vemos de volta a seus temas preferidos, em duas novas e magníficas exposições em Brasília, na sede da IBM e, posteriormente, na Galeria Athos Bulcão, da Secretaria de Cultura do DF.

Em 1987, após quatro anos na Embaixada do Brasil em Washington (onde, aliás, apresentamos uma bela e bem sucedida exposição de Antonio Poteiro) e ocupando a Chefia da Divisão de Difusão Cultural do Itamaraty em Brasília, organizei uma coletiva de “ Pintores do Centro-Oeste”, para celebrar a visita oficial do Presidente Sarney a Angola. Eram 36 obras de 18 pintores, entre os quais estavam D.J. Oliveira, Cleber Gouvea, Roos e Cléa Costa. Depois de Luanda, a mostra seguiu para Moçambique, onde foi apresentada nas magníficas dependências do Centro de Estudos Brasileiros de Maputo.

O Anhangüera

Entre o início de 1991 e fins de 1994, voltei a ausentarme do país, para ocupar o cargo de Cônsul-Geral do Brasil em Barcelona. Ao retornar a Brasília, adquirimos uma casa residencial recém-construída no Lago Sul e encomendamos a Oliveira a realização de um mural, tendo por tema a saga dos Bandeirantes na conquista do Centro-Oeste, especialmente a de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, meu antepassado e fundador de Vila Boa de Goiás. O magnífico painel policrômico de quase 20 metros quadrados, executado em cerâmica vitrificada e queimada, foi festivamente inaugurado em 1997, ao lado de uma exposição de várias telas recentes e antigas do pintor, espalhadas pelos jardins e pela varanda da casa. Ou seja: 31 anos após aquele vernissage na Praia de Botafogo, no Rio de Janeiro,

voltava eu a homenagear o Artista e o Amigo com uma apresentação de sua obra em minha residência, à qual também estiveram presentes diplomatas brasileiros e estrangeiros, apreciadores das artes, jornalistas, escritores, políticos –entre os quais o então Deputado Federal Marconi Perillo – e sobretudo uma legião de amigos e admiradores do homenageado. E o belo mural continua a fazer-nos companhia, a mim e a Liana, minha mulher, e a encantar a quantos visitam nossa casa em Brasília.

Aliás, por conta desse mural e, em parte, de minha constante pregação sobre a arte e a personalidade de D.J. Oliveira, vários amigos e colegas do Itamaraty tem visitado seu atelier em Luziânia e adquirido trabalhos seus. O Embaixador Sérgio Arruda e sua mulher Geo Alencar se destacam especialmente nesta lista de

admiradores, ornando as paredes de sua residência em Brasília – como já o faziam em outros países – com uma notável coleção de telas do pintor.

Minha mais recente promoção da obra de Oliveira e de vários outros artistas plásticos goianos, eu a pude realizar no ano de 2002, no Marrocos, onde me encontrava como Embaixador do Brasil. Propusemos aos demais Embaixadores da América Latina a organização de uma mostra reunindo obras de pintores de nossos respectivos países, extraídas do acervo de cada Embaixada. E da coleção particular do Embaixador do Brasil foram expostas (por mera coincidência) obras de D.J. Oliveira, Siron Franco, Antônio Poteiro, Cléa Costa, Célio Braga e Cléber Gouvea.

A Obra, o Homem e o Professor

Concluindo essas reminiscências dispersas mas sempre presentes em minha memória sentimental, que me levaram a recuar décadas no tempo, constato uma vez mais a profunda admiração que sinto pela obra, pelo homem e pelo mestre Dirso José de Oliveira.

Obra desenvolvida em diferentes fases, em estilos vários e vários temas, mas sempre tocada de um lirismo sóbrio, de um íntimo contato com a paisagem, a vida e o povo de sua terra de adoção, de um eterno retorno ao seu amado Quixote – quase um alter-ego do artista. Homem de tocante sensibilidade, generoso, devotado aos amigos e discípulos, modesto, comedido, sóbrio e íntegro. E mais que Professor, um disseminador de idéias, um incentivador de talentos, o grande responsável pela multiplicação e propagação de

tantos artistas plásticos que o Estado de Goiás tem tido o privilégio de reunir nas últimas décadas e, com justo orgulho, oferecer ao Brasil.

Brasília, junho de 2005



Notícia do mural na imprensa de Brasília



DJ E SEU AUTO-RETRATO

MARIA GUILHERMINA



Escultora, pintora e professora.

Maria Guilhermina Gonçalves Fernandes (1932: Conquista, MG) Mudou-se para Goiânia ainda na infância, recebendo as primeiras noções de modelagem do barro com a mãe e o pai, que era oleiro.

1952 – Estudou com o pintor alemão Udo Horst Knoff, em Goiânia.

1956-59 – fez o curso de Pintura na Escola de Belas Artes da Universidade Católica de Goiás. Em seguida estudou escultura com Henning Gustav Ritter. Dirigiu o primeiro curso de Cerâmica Artística e Pintura em Porcelana de Goiânia, após realizar cursos nessa área com Lisetta Levy, em Belo Horizonte.

1963 – Ingressou na Universidade Federal de Goiás (UFG) como assessora na área de Artes. Por volta de

1965, participou da fundação do Instituto de Artes daquela instituição, onde inicialmente assumiu a cadeira de Arte Decorativa, Desenho e Composição.

1975 – Participou da 13ª Bienal Internacional de São Paulo, quando obteve o prêmio Editora Abril.

1988 – Concluiu o mestrado na Universidade de Paris VIII (Saint Denis), na França.

1998 – Doutorou-se em Ciências das Artes – Escultura pela Universidade de Paris I (Sorbonne), com a tese A linha na escultura e sua relação entre o homem e o material.

2003 – Foi agraciada com a medalha Pedro Ludovico Teixeira, concedida pela Assembleia Legislativa do Estado de Goiás.

Ao longo da carreira obteve diversas premiações em salões e certames de arte: medalha de ouro em escultura no 8º Festival Universitário de Arte, em Belo Horizonte (1959); medalha de ouro em pintura na 1ª Anual do Museu de Arte Moderna de Goiânia (1960); primeiro prêmio de escultura no 19º Salão Municipal de Belo Horizonte (1964); medalha de ouro e bolsa de estudos no Salão de Artes de Belo Horizonte (1971); primeiro prêmio de escultura na mostra Olimpíadas do Exército, em Brasília (1974); primeiro prêmio de escultura em Plouescat, na França (1990); medalha de ouro na exposição Millennium, em Londres (1998).

Teve participação destacada na criação de importantes instituições culturais de Goiânia, como a primeira galeria de arte da cidade (Alba Galeria, depois rebatizada de Galeria Azul), o Museu de Arte da Prefeitura de Goiânia e o Maria Guilhermina Centro de Arte.

EXPOSIÇÃO

Do bosque de Maria Guilhermina

Artista plástica apresenta 26 novas esculturas em exposição que faz parte da programação de inauguração do Teatro Sesi, no Setor Santa Geneveva

Renata dos Santos 26 de outubro de 2010 (terça-feira)

MARIA GUILHERMINA



Construído em 11 meses, o Teatro Sesi será inaugurado hoje com uma série de atrações, a partir das 20 horas, em evento para convidados. Entre elas, uma mostra de esculturas da artista plástica Maria Guilhermina, 78 anos, que será aberta ao público a partir de amanhã. No novo teatro (leia mais sobre o espaço no texto ao lado), do qual é vizinha ? ela mora há 37 anos numa chácara-ateliê no Setor Santa Genoveva ?, a veterana vai expor uma série de 26 esculturas.

Premiada no Brasil e no exterior, Maria Guilhermina acabou de chegar de Paris, onde realizou uma exposição em setembro. Ela não expõe em Goiânia há 18 anos e diz que nessa mostra no Sesi vai divulgar seus novos trabalhos que tem os pássaros como temática principal. "A retrospectiva mesmo dos meus 40 anos de carreira eu planejo para o ano que vem", adianta.

A artista, que também é uma das responsáveis pelo projeto Sesi Arte Criatividade, promovido a cada dois anos, conta que o público verá esculturas em pedra-sabão e em pau-brasil. Os dois materiais são a base para as suas criações. "Tem ainda seios humanos e uma peça mais abstrata com uma flor de bronze que nasce da madeira", acrescenta. Formada em 1959 pela Faculdade de Belas Artes da UCG, Maria Guilhermina conta que até 1982 concentrou suas produções na pedra-sabão ? durante esse período, a artista confeccionou 890 peças.

De lá para cá, segundo a artista, a quantidade de criações, que segundo ela são únicas ? Maria Guilhermina diz que não realiza encomenda de obras iguais ?, chega a quase 2 mil peças. Depois

desse período ela também começou a trabalhar com pau-brasil, "o mais duro material de todos", segundo a escultora, que também pinta, desenha e escreve poesias.

Professora aposentada da UFG desde 1996, Maria Guilhermina revela que seu modo de produzir continua o mesmo. A artista diz que mantém a tranquilidade de esculpir todos os dias um pouco. "Não gosto de acordar muito cedo e me levanto por volta das 8h30. Mas a preguiça também nunca teve espaço na minha vida", assegura.

Depois do café da manhã, ela se dirige aos dois ateliês ? um onde trabalha com pedra-sabão e o outro com pau-brasil ?, construídos na mata particular da chácara onde ela mora, uma propriedade que tem nos fundos do Ribeirão João Leite. O lugar, um pequeno reduto de natureza intocada, tem árvores centenárias e trilhas nas quais estão distribuídas cerca de 80 de suas esculturas, várias delas premiadas no Brasil, na Alemanha e na França ? foi neste último país que ela cursou seu doutorado e morou por quase uma década. "A França me abriu portas para mostrar meu trabalho para o mundo", diz.

Os dois ateliês de pedra-sabão e de pau-brasil são montados em quiosques isolados no meio da sua mata particular. "Resolvi separar os ateliês porque o pó da pedra grudava no pau-brasil", explica. Os caminhos, recobertos por calçadas, culminam nas esculturas que não são sustentadas por degraus. "Não colocar as obras em degrau foi um conselho de Oscar Niemeyer. Eu o segui ao realizar o calçamento, pois ele dizia que, se fizesse o contrário, todo mundo ia olhar para o degrau e não contemplaria as obras", justifica.

Maria Guilhermina conheceu Oscar Niemeyer no início dos anos 70, quando foi para Belo Horizonte receber um prêmio. "Ele perguntou se eu fazia minhas obras realmente aqui e questionou, em tom de brincadeira, como, se por aqui só tinha índio", conta, bem-humorada.

Ela diz que Niemeyer foi três vezes à sua chácara e adorou o lugar, rodeado de verde. A primeira foi em 1974 e a outra nos anos 80, quando a artista plástica ganhou um prêmio nacional de escultura. A terceira vez ocorreu recentemente, quando o arquiteto modernista veio a Goiânia conhecer o terreno onde seria construído o Centro Cultural Oscar Niemeyer.

Ecologia

As referências à ecologia são uma marca das obras de Maria Guilhermina. Ela diz que o emprego do pau-brasil também é uma forma de protestar pela derrubada de árvores desse tipo, que estão em extinção no Brasil. "Aproveito material devastado, que vem de regiões como o Pará. De um tronco de jatobá que caiu nos fundos da chácara eu aproveitei uma das toras e fiz um manequim estilizado enorme de 2 metros de altura", conta.

A artista diz que a inspiração para suas peças "vem do coração". Ela acrescenta que as obras são fruto da prática diária, de uma rotina de trabalho do qual que ela não abre mão do acabamento e da originalidade. "Costumo fazer o esboço do desenho e, neste momento, às vezes surgem também os poemas. Vou lançar o livro com essas poesias", avisa.

Exposição: Esculturas de Maria Guilhermina

Local: Foyer do Teatro Sesi

Data: Até dia 30 de novembro. A partir de amanhã, aberta ao público com entrada franca.

**Local: Teatro Sesi ? Avenida João Leite, nº 1013, Setor Santa Genoveva,
ao lado do Clube Ferreira Pacheco**

Informações: 3219-1307

Teatro tem 600 lugares e custou R\$ 11 milhões

Com 600 lugares e 300 vagas de estacionamento, o Teatro Sesi começou a ser construído em dezembro do ano passado e custou R\$ 11 milhões. O projeto é do arquiteto **Ciro Lisita Arantes**. Além do palco principal, o teatro conta com quatro salas para oficinas com capacidade de 30 lugares cada uma.

Segundo Teco Faleiro, coordenador de atividades de lazer, educação, saúde e responsabilidade social do Sesi, o teatro começou a ser pensado há cinco anos. "Além da formação de plateia, a iniciativa visa atrair trabalhadores e pessoas da comunidade que não têm acesso ao teatro", afirma. A ideia, segundo Teco, é que os espetáculos selecionados sejam voltados para formação educacional e cultural. O agendamento da programação teatral, que deve ser feito por edital, visa à seleção principalmente de produções locais de qualidade.

Na noite de abertura hoje do teatro, para convidados, haverá uma série de apresentações artísticas, com a **Quasar Companhia de Dança**, o **Balé do Estado de Goiás**, o violino **Marcos Biancardini**, o tenor **Michel Silveira** e as cantoras **Maria Eugênia**, **Cláudia Vieira** e **Débora di Sá**. A noite terá ainda a mezzo soprano **Wanessa Rodrigues** e **Thierry Lucas das Neves**, violinista de 13 anos.

Amanhã, às 20 horas, haverá uma missa com o arcebispo **Dom Washington Cruz**. Na sexta-feira e no sábado, às 21 horas, a **Quasar Cia. de Dança** apresenta no local seu novo espetáculo, **Tão Próximo**. No domingo, às 20 horas, um concerto gratuito com o pianista **Miguel Proença** será a grande atração.

PROGRAMAÇÃO

Sexta e sábado

Tão Próximo, novo espetáculo da **Quasar Cia. de Dança**, às 21 horas. Os ingressos custam R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), para plateia inferior, e R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), para plateia superior. Estudantes, idosos e portadores da carteira do Sesi pagam meia-entrada. Ingressos à

venda na bilheteria do Teatro Sesi e no Palácio da Indústria, Avenida Anhanguera, esquina com Avenida Tocantins, Centro. Domingo

Concerto de piano com Miguel Proença, às 20 horas.

Entrada franca.